

heterossexuais e relataram relações com homens cis. Essas informações associadas ao baixo uso de preservativos em todas as relações sexuais são fatores de risco para a incidência de infecções sexualmente transmissíveis em mulheres transgêneros. Tais dados se refletem na alta taxa de prevalência de sífilis encontrada na população estudada, muito superior à da população geral, somando-se ao fato de que todos os testes reagentes ocorreram em mulheres trans.

Conclusão: Os dados obtidos reforçam a necessidade de campanhas educacionais para prevenção da sífilis, além do tratamento e acompanhamento desse recorte populacional, que se mostra mais sujeito aos fatores de risco dessa patologia.

Palavras-chave: Sífilis Transgênero Transexualidade Infecções sexualmente transmissíveis

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103220>

PREVALÊNCIA DE SÍFILIS EM GRÁVIDAS ATENDIDAS EM UMA UNIDADE DE SAÚDE DO MUNICÍPIO DE BELÉM, PARÁ, BRASIL

Andrio Silva da Silva^{a,*},
Thaís Mayara da Silva Carvalho^b,
Leonardo Gabriel Campelo Pinto de Figueiredo^a,
Adrielly Pinheiro Lira^a,
Maria Eduarda de Sousa Avelino^b,
Simone da Silva Góes^b, Diogo Oliveira de Araújo^a,
Carolline de Jesus Santos dos Santos^a,
Sandra Souza Lima^a,
Luiz Fernando Almeida Machado^a

^a Laboratório de Virologia, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, Brasil;

^b Programa de Pós-graduação em Biologia de Agentes Infecciosos e Parasitários, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, Brasil

Introdução: A sífilis é uma infecção sexualmente transmissível, causada pelo *Treponema pallidum* e que ainda representa um importante problema de saúde pública, embora seja facilmente diagnosticada e tratada. O presente estudo teve como objetivo descrever a prevalência de sífilis em gestantes da cidade de Belém, Pará, e os fatores de vulnerabilidade para a doença.

Métodos: Foi realizado um estudo transversal, no ano de 2021, com mulheres de 15 a 40 anos que procuraram os serviços públicos de saúde da cidade de Belém para acompanhamento pré-natal. Para o diagnóstico de sífilis foi usado o fluxograma 1 do Ministério da Saúde, onde as amostras foram submetidas ao teste qualitativo do VDRL e a confirmação do diagnóstico realizada por meio do teste treponêmico FTA-abs. Os testes foram executados no LabVir /ICB/UFPA e para a análise estatística foram utilizados o teste exato de Fisher e teste G, com nível de significância de 5% ($p < 0,05$).

Resultados: Participaram da pesquisa 75 mulheres grávidas e a maioria das participantes tinha idade entre 15 e 24 anos (57,4 %; 43/75), eram heterossexuais (96%; 72/75), solteiras (60%; 45/75), com ensino médio (58,6%; 44/75) e com a renda familiar de até um salário-mínimo (92%; 69/75). A prevalência da sífilis foi de 6,7% (5/75) e a maioria dos casos eram

de grávidas entre 15 a 24 anos, com renda de um salário e que possuíam apenas o ensino fundamental, o que pode estar relacionado com a falta de informação sobre as IST, a importância do uso de preservativos e a vulnerabilidade socioeconômica desse grupo.

Conclusão: A prevalência de sífilis foi alta em mulheres grávidas jovens, solteiras, de baixa renda e baixa escolaridade, na cidade de Belém, Pará, demonstrando a importância da realização do pré-natal para a prevenção da ocorrência de sífilis congênita.

Palavras-chave: Sífilis Gestacional Epidemiologia Atenção Primária

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103221>

PREVALÊNCIA E RECORRÊNCIA DA DOENÇA DE HAFF E A OMISSÃO DO CONTROLE DOS FATORES DE RISCO

Jeferson Manoel Teixeira^{a,*},
Valdete dos Santos de Araújo^b, Carla Souza Calheiros^b,
Ana Beatriz Ferreira Prestes^b,
Andriele dos Santos Pereira^b,
Estrela Cecília Moreira de Holanda Farias^c,
Regina Yanako Moriya^b, Viviany da Cruz Ramos Pinto^d

^a Universidad Abierta Interamericana (UAI), Buenos Aires, Argentina;

^b Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus, AM, Brasil;

^c Universidade Nilton Lins, Manaus, AM, Brasil;

^d Hospital Instituto da Mulher e Maternidade Dona Lindu, Secretaria de Estado de Saúde (SES-AM), Manaus, AM, Brasil

Introdução/Objetivos: O hábito de consumir peixes está enraizado na cultura amazonense, sendo uma prática secular e benéfica quando se trata de autoconsumo. O Amazonas (AM) é o estado com maior consumo de pescado no Brasil (BR). A Doença de Haff é caracterizada pelo quadro de rabdomiólise com sintomatologia presente em até 24 horas após o consumo de certos tipos de peixes. Desta forma o objetivo da pesquisa foi caracterizar com dados clínicos e epidemiológicos os casos compatíveis da Doença de Haff que foram notificados no AM e descrever os aspectos físico-químicos e microbiológicos da água onde o ambiente aquático está associado aos casos notificados.

Métodos: Os dados clínicos e epidemiológicos foram registrados na FVS-RCP/AM. As águas foram coletadas em frascos descontaminados entre os anos de 2021 a 2023, em pontos do Rio Amazonas, poços tubulares de abastecimento e residências. As análises físico-químicas da água foram analisadas in loco e as microbiológicas em laboratório. Todas realizadas em duplicata.

Resultados: A pesquisa iniciou-se no ano de 2021, quando o estado decretou calamidade e determinou que certos tipos de pescados não fossem ingeridos. Em relação às análises realizadas entre 2021 e 2022, os resultados de pH, NO₂⁻, NO₃⁻, NH₃, Mg, Oxigênio Dissolvido (OD) e E.Coli, estão em desacordo com os parâmetros do Ministério da Saúde do BR. No ano de 2023, não houve presença de coliformes fecais, mas

obteve-se irregularidade em relação ao pH, OD, excesso de NH₃ e Mg. O teor de sólidos totais, está acima do valor de referência do CONAMA. No período estudado houveram 299 casos de rabdomiólise notificados, após a ingestão de peixes de vida livre e 3 óbitos confirmados. Os sinais clínicos mais frequentes na população amazonense são: mialgia, náuseas, dor toracoabdominal, colúria e valores da enzima CPK sérica elevada, que pode levar à insuficiência renal. A sintomatologia é semelhante à encontrada em outros surtos no país. Os casos se concentram na faixa etária de 20 a 59 anos.

Conclusão: A origem ou o tipo de toxina causadora dessa doença não está totalmente elucidada. Os dados da análise de água corroboram com tal possibilidade, pois o ambiente aquático está eutrofizado, ocorrendo a proliferação descontrolada de algas e há o consumo de pescados que acumulam determinada toxina, causando posteriormente a Doença de Haff. É necessário monitorização do pescado, qualidade de água e a rápida detecção de casos desta doença para evitar sua prevalência.

Palavras-chave: Rabdomiólise Surtos de Doenças Vigilância em Saúde Pública Doença de Haff

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103222>

PREVALÊNCIA E ÓBITOS DA INFECÇÃO MENINGOCÓCICA NA INFÂNCIA NO BRASIL ENTRE OS ANOS DE 2017 E 2022

Milena Alves Barboza^{a,*}, Júlia Arcanjo Ferreira^b,
Geraldo Zanotelli Neto^c, Leandra Lima Xavier^d,
Lucas Veras Rodrigues^e, Lucas Araújo Ferreira^f

^a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, BA, Brasil;

^b Universidade Cidade de São Paulo (UNICID), São Paulo, SP, Brasil;

^c Centro Universitário do Espírito Santo (UNESC), Colatina, ES, Brasil;

^d Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos, Araguaína, TO, Brasil;

^e Universidade Potiguar (UnP), Belo Horizonte, MG, Brasil;

^f Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, Brasil

Introdução: A infecção meningocócica é causada pela bactéria *Neisseria meningitidis*. Existem ao menos 13 sorogrupos meningocócicos definidos e seis (A, B, C, W, X, Y) são responsáveis pela maior carga de doenças clínicas. Pacientes quando infectados podem culminar em condições extremamente graves especialmente meningoencefalite meningocócica e meningococemia. Mesmo com o tratamento, no mundo, cerca de 10 a cada 100 pessoas que são acometidos pela infecção meningocócica morrem como resultado. Com isso, o objetivo desse estudo consiste na descrição do número de internações e óbitos em crianças de até 4 anos de idade por infecção meningocócica nas diversas regiões brasileiras durante os anos de 2017 a 2022.

Métodos: Estudo epidemiológico do tipo ecológico, com dados de janeiro de 2017 a dezembro de 2022, referente a números absolutos de internações e mortes por infecção meningocócica, nas diversas regiões do Brasil. Os participantes selecionados foram crianças entre 0 e 4 anos. A coleta

de dados foi realizada através do Sistema de Informações hospitalares do SUS (SIH/SUS) hospedado no DATASUS.

Resultados: De acordo com os dados obtidos, constatou-se que o total de crianças internadas por infecção meningocócica no Brasil nos últimos 6 anos foi de 1.366. Salienta-se também que o total de óbitos neste período que foi de 115, com maior incidência na Região Sudeste 57 óbitos (49,6%) seguido das regiões Nordeste 26 óbitos (22,6%), região Sul 15 óbitos (13%), região Norte 9 óbitos (7,8%) e região Centro Oeste 8 óbitos (6,9%).

Conclusão: No Brasil, entre 2017-2022, observou-se um decréscimo no número de internações e óbitos na infância por infecção meningocócica, quando comparado a anos anteriores ao estudo. Parte disso se deve a implementação da vacina específica para o sorogrupo C, pelo Ministério da Saúde do Brasil no ano de 2010. O tema demanda estudos futuros que possibilitem uma maior avaliação temporal, a fim de comprovar com dados epidemiológicos a constante redução dos números de óbitos e internações da infecção meningocócica. Além disso, o período da pandemia pode ter influenciado diretamente na redução da notificação dos casos. Os resultados obtidos estão de acordo com o observado na literatura.

Palavras-chave: Infecção meningocócica Infância Epidemiologia

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103223>

PROSTATITE POR SALMONELLA ENTERICA: UM RELATO DE CASO

Leonardo Filipetto Ferrari^{*},
Nubia Leilane Barth Schierling,
Lucas Viechniewski Vasconcellos,
Amanda Stingham Correia, Gabriele da Silva

Hospital Nossa Senhora das Graças, Curitiba, PR, Brasil

A prostatite aguda é uma infecção da próstata que cursa com sintomas urinários e dor pélvica em homens, causada, sobretudo, pela infecção, por via ascendente. Sendo a *Escherichia coli* a principal bactéria isolada nesses casos (65-80%). Em pacientes jovens e sexualmente ativos a *Neisseria gonorrhoeae* e *Chlamydia trachomatis* devem ser consideradas. A infecção gastrointestinal por *Salmonella* é a forma mais comum da doença por *Salmonella*. A presença desse patógeno em urina é raro. Os casos de prostatite associada a ela são mais raros ainda. Paciente masculino, 54 anos, admitido com queixa de febre (temperatura de 38,5°C), calafrios, sudorese, mialgia e mal-estar generalizado há 3 dias. Evoluiu com disúria, dor perineal e redução do débito urinário (relatado). Além disso, relatou viagem recente para Bolívia e uma semana antes apresentou quadro de dor abdominal autolimitado. Tinha histórico de hiperplasia prostática (PSA total 5,2 ng/mL - 04/02/23). Ao exame físico, o paciente apresentava dor à palpação de região supra-púbica e "bexigoma". Na admissão, o paciente apresentava leucocitose (19400 células/mm³) com desvio à esquerda e proteína C reativa (PCR) de 307,2 mg/L. Iniciado empiricamente ceftriaxona e solicitado PSA total que demonstrou estar elevado (PSA total 177,76 ng/mL). Na urocultura, houve crescimento de *Salmonella enterica* (4.000 UFC/mL) sensível a ceftriaxona e ciprofloxacino. Devido